

SELO DIGITAL
OSESF 3

ORQUESTRA
SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO



GILBERTO
SIQUEIRA **TROMPETE**
40 ANOS DE OSESF
MELHORES MOMENTOS

GUARNIERI | VILLA-LOBOS | TCHAIKOVSKY

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
CORO DA OSESP*

JOHN NESCHLING REGENTE

GILBERTO SIQUEIRA TROMPETE

Com essa coletânea a Fundação Osesp comemora 40 anos de Gilberto Siqueira como primeiro trompete da Orquestra.

M. CAMARGO GUARNIERI [1907-93]

1 Encantamento [1941] [7'03"]

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]

2 Choros n° 10 - Rasga o Coração [1926] * [12'39"]

PYOTR I. TCHAIKOVSKY [1840-93]

3 Sinfonia n° 4 em Fá Menor, Op.36:

I. Andante Sostenuto/Moderato con Anima [1877] [19'22"]

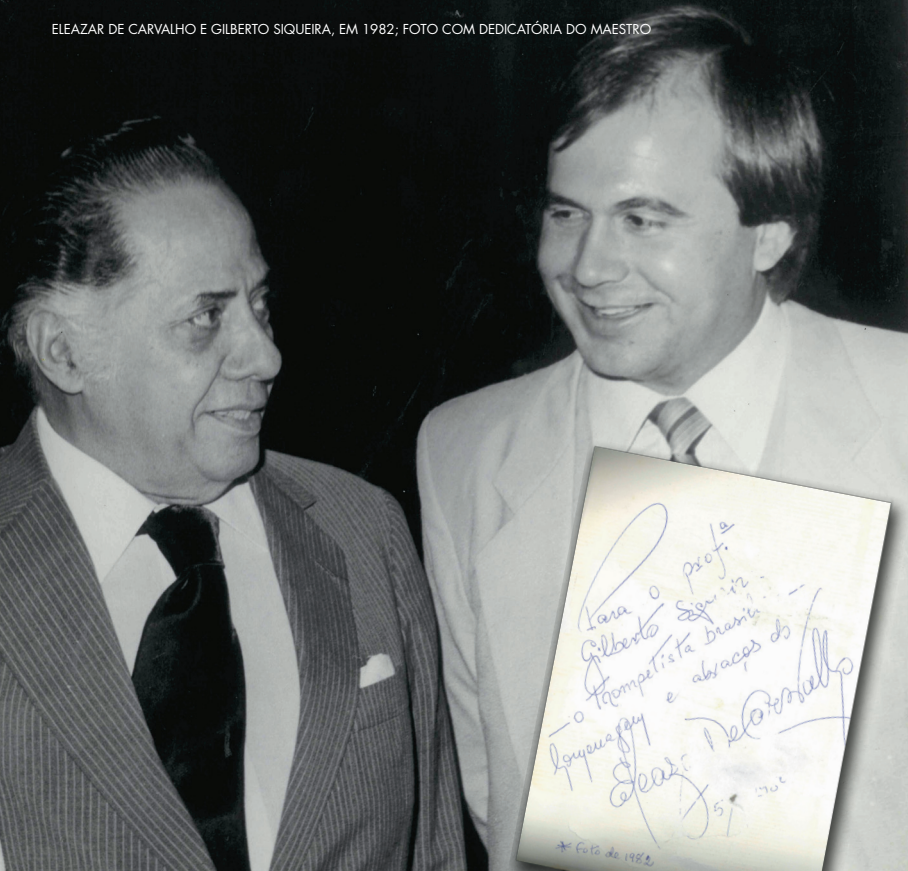
4 Sinfonia n° 6 em Si Menor, Op.74 - Patética:

I. Adagio/Allegro non Troppo/Andante [1893] [18'47"]

TOTAL [57'52"]



ELEAZAR DE CARVALHO E GILBERTO SIQUEIRA, EM 1982; FOTO COM DEDICATÓRIA DO MAESTRO



* Foto de 1982

O TROMPETISTA BRASILEIRO

POR MARCELO LOPES

O maestro Eleazar de Carvalho não era dado a elogios gratuitos, **mas tinha palavras definitivas**. Quando escreveu uma dedicatória a Gilberto Siqueira chamando-o de “o trompetista brasileiro”, estava dando um recado importante — que vale a pena tentar entender.

Lembro de meus tempos de estudante de música, aprendiz de trompetista, no início dos anos 1980. Eu conhecia os discos das grandes orquestras, e nada do que podia assistir ao vivo era comparável ao som dos metais das gravações. Parecia que aquela sonoridade era um mito, que não podia existir ao vivo, só nos estúdios de gravação europeus ou norte-americanos.

Na primeira vez em que fui ouvir o Gilberto Siqueira com a Osesp, no Teatro Cultura Artística, veio a revelação: aquele som existia! Voltei ali várias vezes seguidas para beber naquela fonte de encantamento. Lembro do notável *Concerto de Brandeburgo n.º 2*, de Bach, um desafio épico para trompetistas do mundo inteiro, em qualquer tempo. Gilberto superava o instrumento e fazia brotar arte pura de um pedaço de metal.

O fato é que ele criou um naipe na orquestra que, pela primeira vez, **produzia aquele som de padrão internacional**. Essa não foi uma contribuição só para a técnica do nosso instrumento: foi a gênese de uma nova escola de metais no Brasil.

Fui seu aluno e, além do trompetista, descobri o homem livre-pensador, que fazia da sua devoção pela orquestra uma filosofia de vida. Mahler dizia que uma sinfonia deve conter o mundo. Gilberto — de alma e sons mahlerianos — vivia para a orquestra sinfônica e fazia dela um mundo seu, e muito próprio. Em 1984, tive a alegria de passar a tocar como trompetista na Osesp, segui aprendendo com ele, **sobre a música e sobre a vida, agora na condição de colega de naipe**. Com o passar dos anos, ao divisar as dificuldades de sobrevivência da orquestra, nos momentos mais difíceis, quando faltava o básico e muitos abandonaram o barco, ele permanecia ali, acreditando no futuro e inspirando a juventude. *Primus inter pares*, teve papel fundamental na reestruturação da Osesp a partir de 1997.

Gilberto Siqueira é trompete solista da Osesp há 40 anos, e **sua história se confunde com a da orquestra**. Sua liderança é simples e direta, própria de quem comanda pelo exemplo e pelo desprendimento. Para além das dificuldades técnicas e dos desafios artísticos, sempre soube lidar com as emoções típicas da convivência intensa entre os músicos de uma orquestra sinfônica.

Vida longa ao “Trompetista Brasileiro”!

MARCELO LOPES é trompetista e diretor executivo da Fundação Osesp.

DO FUNDO DO BAÚ



PRIMEIRA VEZ COMO SOLISTA, EM 1969, INTERPRETANDO O CONCERTO PARA TROMPETE, DE HAYDN, COM A ORQUESTRA SINFÔNICA DE PORTO ALEGRE



COM JOSEPH ALESSI, PHILIP SMITH E PHILIP MEYERS, CHEFES DE NAUPE DE TROMBONE, TROMPETE E TROMPA DA FILARMÔNICA DE NOVA YORK, APÓS APRESENTAÇÃO DO PROJETO RETRATO DAS AMÉRICAS, EM 2001



AULAS NO PROJETO RECREIO NAS FÉRIAS, C. 2004



COM OS TROMPETISTAS ADOLPH HERSETH E ROGER VOISIN EM CHICAGO, EM 1998



O NAÍPE DE TROMPETISTAS DA OSESP NO INÍCIO DOS ANOS 2000: MARCELO LOPES, GILBERTO SIQUEIRA, FERNANDO DISSENHA, ANTONIO CARLOS LOPES JR. E MARCELO MATOS

COM A PALAVRA, O PROFESSOR GILBERTO

Em 2010, a Fundação Osesp inaugurou seu projeto de homenagens anuais a músicos, cada um representando os demais. O primeiro foi o violinista Claudio Cruz (20 anos de *spalla*), seguido pelo oboísta Arcádio Minczuk (30 anos de Osesp). No ano passado, os músicos estrangeiros da Osesp receberam uma homenagem na figura do violinista Lev Veksler.

Agora em 2013, será a vez de dois músicos: o trompetista Gilberto Siqueira e a percussionista Elizabeth Del Grande, ambos na orquestra há 40 anos.

Nos dias 29, 30 e 31 de agosto, o Professor Gilberto, como é carinhosamente chamado por todos, será solista ao lado de Simon Trpceski no *Concerto n° 1 Para Piano*, de Shostakovich, também conhecido como *Concerto Para Piano e Trompete*.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1950, Gilberto é pai de Everson e Elison, avô de Elian, e casado há 8 anos com Aurea Colacioppo. Na entrevista a seguir, o trompetista conta um pouco sobre seus anos de formação no Uruguai, a experiência de trabalhar com Eleazar de Carvalho e, com seu bom humor habitual, a doce ilusão que o levou a escolher tocar trompete porque “parecia fácil”.

Podemos começar por suas primeiras experiências com música? Havia músicos na sua família?

Meus pais não eram músicos profissionais, mas ambos tinham uma relação muito forte com música. Meu pai cantava, era tenor, tinha uma voz maravilhosa, um fraseado lindo. Mas aprendeu na prática, era um bom orador, talvez até por isso cantasse bem.

Minha mãe também é muito musical, tocava violino. Ela hoje tem 95 anos e, recentemente, morou um período comigo aqui em São Paulo. Um dia eu estava estudando uma passagem difícil de alguma peça, repetindo a mesma frase várias vezes. De repente, tem uma que sai melhor e ela grita lá da sala: “Muito bom!”. Ela tem um ouvido impressionante.

Somos cinco irmãos: tenho duas irmãs mais velhas e dois irmãos mais novos, estou bem no meio. Então em casa tinha piano, órgão, marimba, violinos, trompetes e trombones. Minha irmã mais velha se formou em piano no Conservatório Dramático e Musical.

E você também estudou música desde cedo?

Eu estudava piano, achava bonito. Mas era uma coisa, assim, doméstica. Um dia, meu pai falou: “A filha de sei-lá-quem está estudando trompete, você não quer estudar também?”. Ele tinha pedido para alguém trazer dois trompetes ingleses, Oxford, 50 dólares cada um. Lembro bem, um instrumento que era até razoável...

Eu topei, se não precisasse largar o piano. Mas tinha que estudar uma hora de cada instrumento por dia. Com 12 anos, essa hora demorava para passar! Aí, eu disse: “Mãe, assim não dá, vou ficar só com um instrumento”. Escolhi o trompete, porque eu achava que seria mais fácil [risos]. O problema é que não tinha ninguém pra me esclarecer na época.

Em quem foi que o “esclareceu” sobre o trompete?

Em 1962, nós nos mudamos para Montevidéu, no Uruguai. Meu pai trabalhava para a Igreja Adventista, durante 25 anos cuidou da formação dos jovens. E a sede da Igreja na América do Sul era lá. Passei o primeiro ano com eles, mas depois vim estudar em um internato em Campinas — eles achavam que, como nosso futuro seria no Brasil, nossa educação tinha que ser aqui. Eles moraram em Montevidéu entre 1962 e 1969. E eu passava as férias de inverno e de verão no Uruguai — quatro meses por ano! Nessas férias uruguaias, comecei a ter aulas com Sarubo, um trompetista de música popular que tinha um som maravilhoso. Sarubo me deu um “empurrão” que foi muito importante.

No colégio em Campinas, tinha aula de música, eu tocava numa bandinha. Era moleque e achava que estava arrasando: tocava todos os hinos da igreja no trompete. O professor achava ótimo, claro, para a escola regular estava ótimo. Mas quando Sarubo me ouviu tocar, disse: “*La sonoridad, no está muy buena...*”. Fiquei mordido com aquilo, comecei a estudar para valer. Aí fiquei sem boca, de tanto estudar.

Foi então que a coisa começou a ficar mais séria?

Exatamente, fui pegando gosto e vendo que o buraco era mais embaixo. Sarubo foi aluno de Wilfredo Cardoso, primeiro trompete da Orquestra Sinfônica del Sodre. Naquela época, era uma grande orquestra, tinha sido dirigida pelo grande regente Erich Kleiber e, nos anos 1960, tinha como diretor artístico o norte-americano Howard Mitchell. “Sodre” era sigla para *Servicio Oficial de Difusión Radio Eléctrica*. Os concertos eram transmitidos ao vivo, para o Uruguai inteiro.

Lembro de ter assistido a esse mesmo concerto que vou ter a honra de tocar com a Osesp — o *Concerto Para Piano*, de Shostakovich —, com o Cardoso tocando a parte do trompete e a pianista Fanny Ingold.

Na época, saiu uma charge no jornal, um trompetista cercado por vários trompetes. Nesse *Concerto*, a gente usa dois trompetes: um em Si Bemol, o outro em Dó. Aí, o humorista achou graça de ver o músico trocando de instrumento no meio e fez a piada. Mas imagina como era alto o nível cultural do Uruguai na época, para sair uma charge que brincava com o *Concerto* de Shostakovich!

Mas você não foi aluno do Cardoso?

Pois é, justamente. Para mim, naquela época, já era um sonho conhecer o Cardoso. E o Sarubo me disse: você vai ter aulas com ele. Nem acreditei. “Cardoso foi aluno de Roger Voisin, em Boston. Lembro que diziam dele no Uruguai: Cardoso estudou trompete como Jascha Heifetz estudou violino”. Ou seja, sabe tudo: parece mágica. Mas aquilo que parecia mágica não era truque: tinha tempo, tinha afinação. Era resultado de estudo,

pesquisa sobre o instrumento, sobre bocal, sobre canos, sobre limpeza e manutenção. Posso dizer que minha formação de trompetista foi com ele.

Mas como eram as aulas, se você voltava todo ano para o Brasil?

Cardoso dizia para minha mãe: “*Señora: lo que su hijo no aprende en una semana, no aprende en la clase*”. Só se aprende estudando, e só se estuda sozinho, em casa. Eu fazia aulas durante o tempo em que estava no Uruguai e ficava estudando como um louco nos meses em que estava no Brasil.

Lembro da primeira aula com Cardoso. Ele tinha quase 60 alunos. Eram três na sala e mais cinco esperando na sala de espera. Logo que cheguei, ele me pediu para tocar um pouco e disse: “Bom, você não sabe nada de trompete, não é? Então, nesse caso, estude até a página tal, em tal velocidade.”

Aquilo para mim foi um baque. Saí de lá dizendo para mim mesmo: “Vou mostrar pra esse cara”. Foi quando passei de duas ou três horas de estudo por dia para cinco ou seis — ou mesmo oito horas. Lembro até de um dia em que estudei 12 horas. Claro que naquela primeira semana não consegui chegar nem perto do que ele havia pedido para eu estudar.

Lembro que na véspera da aula seguinte, antes de dormir, fiquei pensando: “O que eu faço? Vou à aula? Desisto?” Foi a decisão mais importante da minha vida: assumir o que eu era e ir atrás do que queria. Assumir o erro é o primeiro passo para vencê-lo.

No dia da aula, antes de abrir o trompete, eu disse: “Maestro, estudei muito, mas não consegui cumprir o que o senhor pediu”. E ele, sem se abalar: “*Bueno*, então faça assim, coloque os dedos desse jeito...”. Isso é um professor: ensina como melhorar. Dizer que está ruim é fácil, qualquer um diz.

Também para você a atuação como professor foi importante?

Importante demais. Em 1968, fiz minha carteira de trabalho e comecei a dar aulas em São Leopoldo, Porto Alegre e Taquara, no Rio Grande do Sul, onde morei durante quatro anos. Em 1970, minha família voltou para o Brasil. Ai, fiz o curso superior no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde me diplomei em trompete. E segui dando aulas em tudo quanto é festival, além de aulas particulares e, mais recentemente, na Academia da Osesp. O tempo é cada vez mais curto, mas ainda há quem me procure para ajudar na preparação para um concurso, ou precisando de uma avaliação. De uns tempos para cá, nunca mais cobrei aula de ninguém, com vontade de devolver um pouquinho do que eu recebi da vida.

E a atuação como músico de orquestra no Brasil, como começou?

Em 1970, passei no concurso para a Orquestra Filarmônica de São Paulo, onde fiquei por dois anos. Então a Filarmônica acabou e, no início de 1973, passei na audição para a Osesp, que a gente na época chamava de Orquestra Estadual. Na banca, estavam o maestro Eleazar, Tullio Colacioppo, mais algumas pessoas.

A audição foi com trechos da *Sinfonia n.º 5*, de Mahler, para toda a orquestra. Uma loucura. Naquela época, não se tocava Mahler quase nunca, era algo muito pouco conhecido. Fui atrás de comprar discos, eu tinha trechos da partitura em livros de orquestra — e estudei como pude. A *Sinfonia* é cheia de metais — um verdadeiro concerto para trompete. Mas, enfim, fui aprovado.

E como foi a experiência de trabalhar com Eleazar nesses primeiros anos?

Lembro do primeiro ensaio que fiz com a Estadual e Eleazar, no hall de um prédio na avenida Paulista. Tocamos o *Crepúsculo dos Deuses*, de Wagner. Na hora do solo do trompete, o maestro olhou para mim e abriu os braços. Aquilo foi um choque: uma interação genuína entre o regente e a orquestra, fazendo música, lidando com o pensamento dos grandes autores.

Quais as lembranças mais marcantes dessa época?

Lembro de um ensaio da *Sinfonia n.º 2*, de Mahler. A orquestração de Mahler prevê 120 músicos. A Osesp tinha só 25 músicos contratados. Os outros eram todos extras.

Naquele ano, durante o Festival de Inverno de Campos do Jordão, havia sido organizado um encontro internacional de violoncelistas. Eleazar aproveitou para convidar alguns desses violoncelistas para tocar a *Sinfonia n.º 2*, negociou um cachê e achou que, com isso, tinha resolvido o problema. Mas o resto

dos extras ficou sabendo que esses violoncelistas iriam ganhar mais do que eles pelo concerto e se rebelaram: não vieram ao ensaio.

Dos dez trompetes previstos por Mahler, só tinha eu. Pensei: Eleazar vai cancelar o ensaio. Que nada: ele fez o ensaio da *Sinfonia* inteira, com interpretação e tudo.

Depois, claro, esse impasse se resolveu, e fizemos o concerto com a orquestra completa.





Isso foi quando a Osesp tocou o Ciclo Mahler?

Exatamente, em 1980. Era a primeira vez que se tocava a integral das sinfonias de Mahler no Brasil. Os concertos eram transmitidos ao vivo pela TV Cultura, com transmissão em FM estéreo simultaneamente. Eu fiz amizade com os rapazes da equipe técnica, e um deles me disse: se você quiser gravar o áudio direto aqui da mesa, tudo bem.

Então comprei 60 metros de cabo blindado, fiz um carretel de madeira bem grande com uma manivela para enrolar. Esse cabo eu plugava atrás da estação de áudio, aquele caminhão, e vinha desenrolando o cabo até debaixo do palco. Naquela época, eu não tinha carro. Fazia isso a pé, de ônibus, de táxi. Passava segunda-feira à tarde no estúdio Bandeirantes, e eles me emprestavam um gravador Akai 4000DS. Ele dava o sinal de mil ciclos, eu ligava cinco minutos antes do concerto e subia para tocar.

Já tinha um toca-cassetes, comprei mais um — todas as noites, depois do concerto, chegava em casa e fazia duas cópias da gravação. No dia seguinte, dava uma para o maestro Eleazar e outra para o Sergio Cascapera (segundo trompete da Osesp entre 1980 e 1996).

Voltando a falar um pouco sobre sua formação, você chegou a estudar em Chicago também?

Tive aulas com Adolph Herseth, que foi primeiro trompete da Sinfônica de Chicago durante mais de 50 anos. Ele cobrava 100 dólares

a aula, isso em 1986 era muito dinheiro! Lembro que, em minha primeira aula com ele, precisamos interromper um pouco mais cedo, porque Herseth ia pegar um trem para Milwaukee. Como estava em cima da hora, acabei esquecendo de pagar a aula. Dias depois, fui assistir à *Sinfonia n° 5*, de Mahler, com a Sinfônica de Chicago. Depois do concerto, fui falar com ele: “Mr. Herseth, esqueci de pagar a aula”. E ele: “Ora, deixa pra lá!” Depois dessa, nunca mais tive coragem de cobrar por uma aula.

A experiência com Herseth foi muito marcante. Para um trompetista, a escola de Chicago é certamente uma das mais importantes.

Uma das maiores honras da minha vida foi ser convidado para participar de uma homenagem a Herseth, em 1998. Grandes trompetistas do mundo inteiro foram a Chicago: Doc Severinsen, Lew Soloff, Arturo Sandoval, Roger Voisin, estava todo mundo lá. O próprio Herseth regeu as *Canzone*, de Gabrielli. Um momento inesquecível!

É você manteve contato com esses músicos?

Bem, posso dizer que me tornei amigo pessoal de muitos deles, principalmente do pessoal da Filarmônica de Nova York. Na verdade, a amizade vinha de antes. Em 1987, a Filarmônica veio tocar no Brasil, e nós do naipe de metais da Osesp articulamos um concerto com os chefes de naipe deles. Temos um quinteto: Ozéas Arantes, trompa; Wagner Polistchuk, trombone; Marcos dos Anjos Jr., tuba; Antonio Carlos Jr. e eu,

trompetes. O negócio é que acabou ocorrendo uma alteração na agenda da Filarmônica, e o concerto foi cancelado na última hora. Mas o vínculo foi criado e, quando eles voltaram ao Brasil, em 1992, finalmente fizemos um concerto juntos: a primeira edição do projeto *Retrato das Américas*. Foi tão significativo que voltamos a tocar juntos em 1997 e em 2001.

No velório do maestro Eleazar, você acabou protagonizando um momento muito importante. Como foi?

O velório foi no Theatro Municipal de São Paulo. Colocaram o caixão no lugar do pódio, onde normalmente fica o maestro. Disposta a seu redor, a orquestra executou algumas peças em sua homenagem. Entre uma música e outra, fui à boca do palco e falei o que me brotou do coração na hora. Disse que o maestro Eleazar, um dos maiores músicos do mundo, teve uma vida inteira para lutar por seus ideais, conquistou tanta coisa e ainda assim não conseguiu alcançar seu maior sonho: ter um lugar para a orquestra crescer e florescer. Pedi aos políticos e empresários que parassem de explicar “por que não dava” e começassem a encontrar soluções para dar à cultura um endereço certo. Quando terminei de falar, o teatro veio abaixo de aplausos e gritos, tal a carência cultural vivida até então. Depois vim a saber que o governador Mário Covas estava presente e que, a partir daquele momento, não abandonou a ideia da criação de uma sede própria e da reestruturação da orquestra.



São 40 anos como primeiro trompete. Hoje você deve tocar os solos da Quinta, de Mahler, até de olhos fechados, não?

Imagina. A vida inteira fiquei nervoso antes de tocar. Mas, na hora em que a música começa, eu me sinto mais seguro. Na abertura da Temporada 2013, nós fizemos *Assim Falou Zarathustra*, de Strauss, que é uma peça com solos perigosos. É aquele tipo de perigo que, dependendo do erro que você cometer, pode colocar a música em condição ridícula. É como chutar um pênalti para o lado. Quer dizer, não se trata só de perder o gol, mas de fazer um troço ridículo.

No dia do concerto, me bateu uma angústia. Antes de vir para a Sala São Paulo, pensei: “Não acredito que ainda estou passando esse nervoso”. Mas tocar é uma maravilha, correu tudo bem, foi uma alegria.

Como você vê a Osesp hoje?

Eu me considero um homem privilegiado. A orquestra é um sonho. Estamos vivendo um momento indescritível no naipe de metais, pensando no nível de amizade, no nível de profissionalismo. É difícil encontrar algo assim no mundo.

Entrevista a Marcelo Lopes e Ricardo Teperman.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

MARIN ALSOP

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

CELSO ANTUNES

REGENTE ASSOCIADO

YAN PASCAL TORTELIER

REGENTE CONVIDADO DE HONRA (2012–13)

CORO DA OSESP

NAOMI MUNAKATA

REGENTE DO CORO DA OSESP

FUNDAÇÃO OSESP

ARTHUR NESTROVSKI Diretor Artístico

MARCELO LOPES Diretor Executivo

FAUSTO AUGUSTO MARCUCCI ARRUDA Superintendente

As gravações das *Sinfonias nº 4 e nº 6*, de Tchaikovsky, foram feitas em julho de 2006 e lançadas em CD pela gravadora Biscoito Fino.

As gravações do *Choros nº 10*, de Villa-Lobos, e do *Encantamento*, de Guarneri, foram feitas durante o Concerto de Final de Ano de 31 de dezembro de 2008, transmitido ao vivo pelo canal franco-alemão Arte e lançado no DVD *São Paulo Samba*.

SELO
DIGITAL
OSES

Música Clássica para todos

Ouçã e baixe gratuitamente
www.osesp.art.br/discografia